



FHE **POUPEX**

BICENTENÁRIO DA CONQUISTA DO FORTE DE SÃO MARTINHO EM 31 out 1975



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. No Centenário do Clube Militar em 1987, foi seu Diretor Cultural e de sua Revista, quando dirigia o Arquivo Histórico do Exército. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980. Iniciou suas atividades como historiador e jornalista no Diário Popular de Pelotas em 1970, no qual publicou cerca de 130 artigos e grande parte na Coluna Querência da Sociedade Gaúcha João Simões Lopes Neto. É autor do livro 2002-175 ANOS DA BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO. Porto Alegre: AHIMTB-GÊNESIS, 2002, uma análise militar crítica desta batalha, à luz dos fatores da Decisão Militar- Missão, Terreno, Inimigo e Meios. Livro disponível, para baixar em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.or.br

Artigo digitalizado, para disponibilizá-s em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahitb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado a AMAN em seu Boletim Interno e em integração no Programa Pérgamo de Bibliotecas do Exército

BL ISSN 0035-0125

REVISTA MILITAR BRASILEIRA

SEPARATA

Ano LXI — N.os 3 e 4 — Jul a Dez 75 — Volume CVIII



DOADO A AMAN
CEL. C. M. BENTO
AHIMTB

EDITADA PELO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO EXÉRCITO

BICENTENÁRIO DA CONQUISTA DO FORTE
DE SÃO MARTINHO
Ten Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO

Há duzentos anos, cerca de dois terços do atual território do Rio Grande do Sul estavam em poder dos espanhóis. Isto, em consequência das invasões empreendidas a partir de Buenos Aires, em 1763 e 1773, respectivamente, pelos governadores daquela praça, Generais D. Pedro Ceballos e Vertiz y Salcedo. A contra- ofensiva luso-brasileira para a retomada do território rio-grandense ocupado ,teve início com a conquista e arrasamento do Forte de São Martinho, em 31 de outubro de 1775, próximo da atual cidade de Santa Maria. Comandou o ataque de conquista "**a intrépida e legendária espada continentina**" — Major Rafael Pinto Bandeira. Após a conquista, foi ele o primeiro filho do Rio Grande do Sul a governá-lo da Vila de Rio Grande e de sua estância do Pavão, em Pelotas atual Deste local, por cerca de dezoito anos, Rafael exerceu o Comando da fronteira do Rio Grande, cuja área de jurisdição coincide, em princípio, com a da 8ªBrigada de Infantaria Motorizada, sediada em Pelotas. Por esta razão, pode o Major Rafael ser considerado, historicamente, o fundador e primeiro comandante dessa Grande Unidade de nosso Exército.

SITUAÇÃO MILITAR DO RIO GRANDE DO SUL — 1775

Os luso-brasileiros, após ingentes esforços, concentraram no Rio Grande do Sul uma poderosa força de 6.717 homens. Esta força, denominada **Exército do Sul**, era constituída, na maior parte, de tropas enviadas de Portugal, do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Paraná e de Santa Catarina. Do Rio Grande, computava-se, basicamente, o Regimento de Dragões de Rio Pardo e um punhado de bravos milicianos rio-grandenses. O EXÉRCITO DO SUL, cuja concentração no Rio Grande do Sul teve início em 1774, articulou-se nos seguintes locais: São José do Norte, Porto Alegre, Rio Pardo e, em diversos pontos entre os dois últimos locais, junto ao Jacuí. O grosso do Exército estacionou em barracas de palha em São José do Norte, ao comando do Tenente-General João Henrique Böhn, representante do Conde de Lippe no Brasil, para reformas contratadas por Portugal do nosso Exército Colonial e a mais alta patente militar na Colônia. Em Rio Pardo foram estacionados mais de mil homens ao comando do Governador do Rio Grande, Brigadeiro José Marcelino de Figueiredo, já consagrado, herói na luta contra os espanhóis. Na campanha, com suas bases de guerrilha na Serra dos Tapes (Município de Canguçu atual) e Serra do Herval (hoje, Município de Encruzilhada), atuavam forças de guerrilhas constituídas de estancieiros e sua gente, estabelecidos nessas áreas antes da invasão espanhola de 1763; eram enquadradas por alguns oficiais dos Dragões de Rio Pardo, No espaço compreendido entre o rio Camacua ao Norte, rio Negro a Oeste e, parte da Lagoa dos Patos, Canal São Gonçalo e Lagoa

Mirim a Leste, sem limites para o Sul, atuavam as guerrilhas com bases no Município de Canguçu atual, ao comando de Rafael Pinto Bandeira.

Ditas guerrilhas tinham as seguintes missões:

—Obter informações militares para o **EXÉRCITO DO SUL**, em Rio Grande e Rio Pardo, sobre os movimentos e intenções inimigas, até as imediações de Colônia do Sacramento, Montevideu e Maldonado;

—Vigiar os principais passos do Canal São Gonçalo e dos rios Camacuã, Jacuí e Piratini, para prevenir um ataque inimigo sobre Rio Pardo, proveniente das direções de Vila de Rio Grande, Forte de Santa Tecla e Forte de São Martinho, bases militares espanholas no território rio-grandense ocupado;

—Levar a efeito *arreadas*, para retirar dos tradicionais caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, gado vacum e cavalos selvagens ou **chimarrões**, passíveis de serem usados pelo invasor para alimentação e transporte de seu Exército. Ditas *arreadas*, operações tipicamente militares oficiais, visavam também, desestimular o estabelecimento de estancieiros espanhóis no território rio-grandense ocupado, bem como hostilizar, de várias formas, as estâncias e patrulhas espanholas em território inimigo. o produto das *arreadas* era dividido entre a tropa que a realizava e o Governo Português.

Os espanhóis possuíam contingentes militares na Vila de Rio Grande, no Forte de Santa Tecla (próximo a Bagé atual), no Forte de São Martinho e junto ao canal São Gonçalo, defronte a Pelotas atual. O Forte de São Martinho constituía séria ameaça de flanco ao Forte de Rio Pardo, com base de partida e apoio para uma invasão proveniente das Missões.

O FORTE DE SAO MARTINHO

O acesso luso-brasileiro ao Forte de São Martinho dependia de uma longa picada em aclive e serpenteante aberta na mata densa (N-I) e que não permitia o desdobramento de uma força atacante, além de duas colunas a pé. Após a travessia da mata densa, a estrada desembocava num campestre. Neste local os espanhóis erigiram o Forte de São Martinho e uma bateria isolada artilhada com um pequeno canhão colocado de modo a cruzar fogos com os do Forte, sobre qualquer força atacante que irrompesse no campestre. Distante uma légua do Forte, em ponto obrigatório de passagem na picada, existia uma guarda avançada com comandamento de vistas e fogos sobre grande extensão da picada para o Sul. O judicioso aproveitamento militar do terreno, pelos espanhóis, tornava suicida qualquer operação militar luso-brasileira que tentasse investir frontalmente sobre São Martinho.

ABORDAGEM PELA RETAGUARDA

Consciente da impossibilidade de um ataque frontal, Pinto Bandeira decidiu pela abertura de uma extensa picada na mata que conduzisse suas tropas à retaguarda vulnerável do inimigo. Encarregou dessa difícil missão um alferes, um sargento e seis soldados consumados mateiros. De 23 a 31 de outubro de 1785, eles cumpriram a árdua missão, sem serem pressentidos pelo inimigo.

ATAQUE DE SURPRESA

Na madrugada de 31 de outubro de 1775, a força de Rafael Pinto Bandeira irrompeu na retaguarda de São Martinho, surpreendendo sua guarnição em profundo sono, somente interrompido pelos gritos de guerra dos 205 atacantes. Apesar da surpresa, o Tenente Manoel Álvares, comandante do Forte, liderou uma reação a bala, durante quinze minutos. Após rendeu-se junto com dezenove dragões e vinte e um índios. Na confusão mais de cem índios conseguiram fugir embrenhando-se na mata circundante.

PRESAS DE GUERRA APÓS O ATAQUE

Dentre as presas de guerra efetuadas no ataque e enviadas para Rio Pardo destacam-se: **Armamento:** 40 espingardas, 19 pistolas, 6 canhões pequenos, 1 morteiro, 39 lanças e 30 cartucheiras. **Gado:** 6.000 vacuns, dentre os quais 250 bois mansos; 1.100 cavaleiros, deles 200 éguas chucras e 150 mansas.

PARTICIPANTES DA OPERAÇÃO

Sob o comando de Rafael Pinto Bandeira, escolhido pelo Governador Marcelino de Figueiredo como o único oficial capaz de percorrer toda a campanha do Rio Grande, "**com uma cuia de mate e uma ou duas malas de garupa**", participaram da Operação São Martinho as seguintes tropas: 150 guerrilheiros rio-grandenses vindos de suas bases de guerrilhas nos atuais Municípios de Canguçu e Encruzilhada do Sul e 50 homens da recém-criada Companhia de Granadeiros do Regimento de Dragões de Rio Pardo. Entre estes, o então Sargento Félix Pereira da Costa (N-2). (Pai de Hipólito da Costa, o fundador da Imprensa Brasileira, Vide livro O Gaucho fundador da Imprensa Brasileira, disponível para ser baixado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br)

RAFAEL, INSTRUMENTO DE DILATAÇÃO DO IMPÉRIO

Após esta vitória, coube a Rafael comandar a conquista e arrasamento do Forte de Santa Tecla, em 26 de março de 1776. Esta operação, junto com a reconquista da Vila de Rio Grande, cinco dias após, em 1.º de abril de 1776, selou a reconquista e a expulsão definitiva dos espanhóis do Rio Grande do Sul, cujo bicentenário comemora-se no próximo ano. Esta

efeméride merece ser evocada e festejada com especial relevo e com amplitude nacional em razão de seu alto significado militar e geopolítico — definição do destino brasileiro do Rio Grande do Sul, após acirrada disputa militar e diplomática entre Portugal e Espanha que durou mais de trinta anos. Os restos mortais do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira repousam numa urna exposta à visitação pública na Igreja de São Pedro, em Rio Grande, construída em 1756, pelo Exército de Demarcação, segundo projeto do Coronel Fernandes Pinto Alpoym, também projetista dos Arcos de Santa Teresa no Rio. Por uma estranha e feliz coincidência, o guerreiro Rafael e o templo que abriga seus restos mortais foram dois dos mais poderosos instrumentos no Sul, da política portuguesa — Dilatar a Fé Católica e o Império Português — tão presente e viva nos *Lusíadas* de Camões, o imortal poeta e soldado.

NOTA DA REDAÇÃO: Ten Cel Eng QEMA CLÁUDIO MOREIRA BENTO — Pesquisador da História das Forças Terrestres Brasileiras, teve destacada atuação como membro da Comissão de História do Exército Brasileiro. Representou o Exército em várias atividades culturais, ligadas principalmente à História Militar. Colaborador assíduo da Revista Militar Brasileira, apresenta, neste número, mais um trabalho sobre nossos Fortes Históricos.

(N-1) O nome Santa Maria da Boca do Monte deve-se à entrada dessa picada na mata. Monte, em espanhol, significa mato e não elevação. PorUinto. seria mais certo dizer-se Santa Maria da Boca do Mato.

(N-2) Pai de Hipólito José da Costa "o gaúcho fundador da Imprensa Brasileira", por haver editado em Londres (1808-22) o Correio Braziliense, de tão marcante influência na preparação da Independência do Brasil.

IMPORTANTE: Sobre a Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul, consultar nosso livro *A Guerra da Restauração do Rio Grande*. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992, disponível digitalizado em Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br



O Major RAFAEL PINTO BANDEIRA dirigindo a construção de picada de 3 léguas, através da mata, para cair de surpresa sobre a retaguarda do Forte de São Martinho — Outubro, 1775. Fonte: Arquivo Iconográfico do C Doc Ex.